

**ENSINO**



**DISTÂNCIA**

- ▶ **GRADUAÇÃO**
- ▶ **PÓS-GRADUAÇÃO**

**EAD-FACAM**

**0800-2809594**

**[www.facam-ma.com.br/moodle](http://www.facam-ma.com.br/moodle)**

# INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS



FACULDADE DO MARANHÃO  
ENSINO A DISTÂNCIA

**INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS-LIBRAS**



**SOMAR**

Sociedade Maranhense de Ensino Superior Ltda.

Carlos César Branco Bandeira

**Diretor Geral**

Thatiana Soares Rodrigues Bandeira

**Diretora Executiva**

Carlos Eduardo Rodrigues Bandeira

**Diretor Financeiro**

Henilda Ferro Castro

**Diretora Acadêmica**

Heraldo Marinelli

**Coordenador Geral de Ensino a Distância**

Gomes, Ana Rosa

Introdução à língua brasileira de sinais - Libras/ Ana Rosa Gomes. –  
São Luís, 2012.

00 f. il.

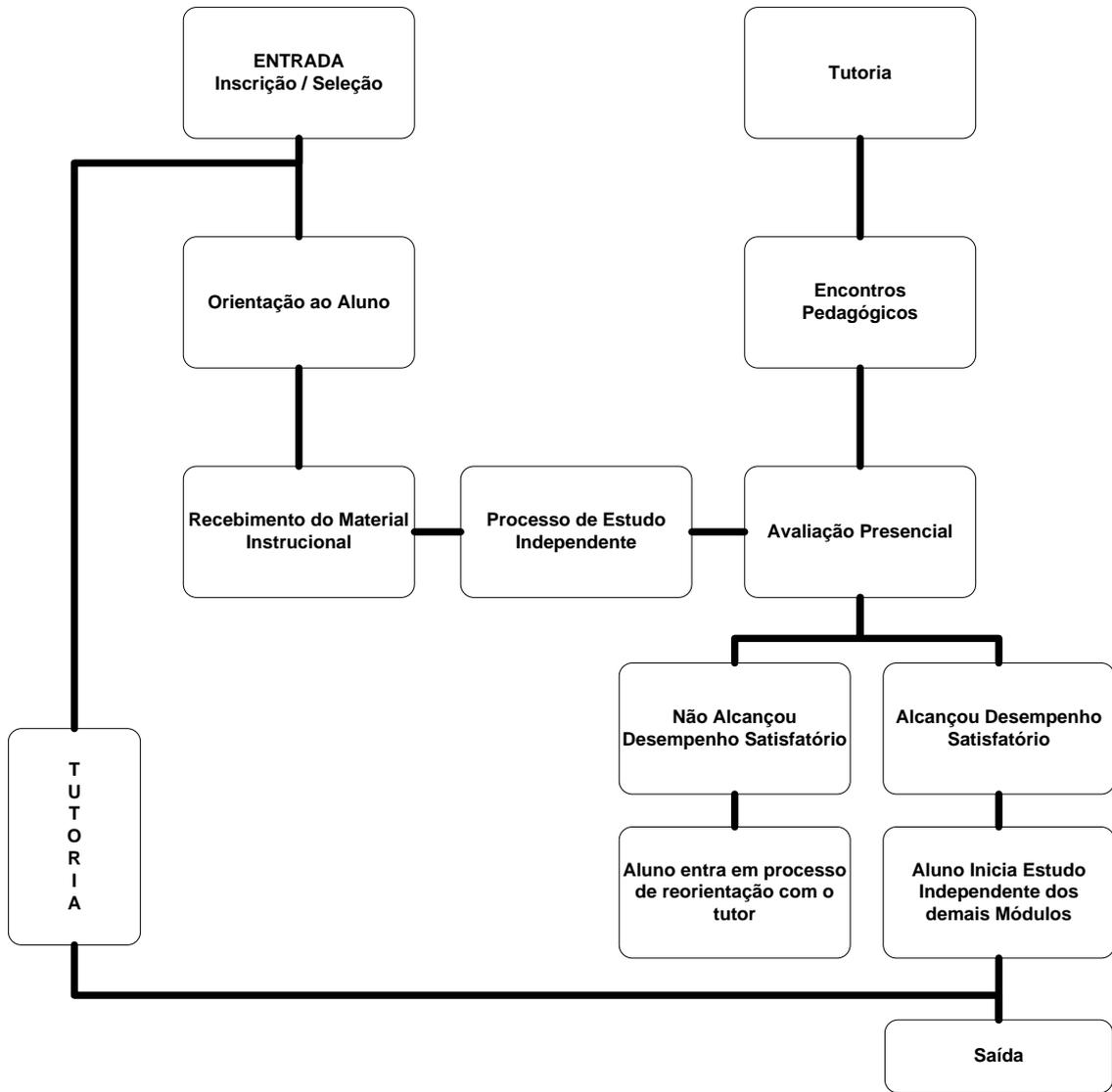
Impresso por computador (Fotocópia)

Apostila (Graduação a Distância) – Curso de Graduação a Distância,  
Faculdade do Maranhão, 2012

1. Língua de sinais. 2. Libras. I. Título.

CDU 000

# FLUXOGRAMA DE ESTUDOS



## APRESENTAÇÃO

Estamos iniciando mais uma disciplina de Prática Pedagógica Integrada, a referida disciplina está voltada para os estudos sobre projetos e sua importância e utilização na prática educacional. O caderno está sistematizado em três unidades sendo que a primeira vem abordando o ensino e as práticas pedagógicas, a segunda sobre a Interdisciplinaridade e a última sobre a Pedagogia de Projetos.

Espera-se que os temas abordados venham contribuir para uma reflexão crítica sobre a práxis educacional.

## PLANO DE ENSINO

**DISCIPLINA:** INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS

**PROFESSOR (A):** Ana Rosa Rocha Gomes Silva

**TURNO:**

**CURSO:**

**PERÍODO:**

**CARGA HORÁRIA:**36 horas

**PRÉ-REQUISITO:**

**ANO:**

### **OBJETIVOS**

#### **1.1 Geral:**

- Compreender que a Libras, por ser uma língua natural, possui toda a complexidade inerente aos demais sistemas linguísticos, daí, servir-se dela enquanto suporte ao pensamento e alcançar seus propósitos linguísticos de comunicação e o atendimento educacional especializado para surdos.

#### **1.2 ESPECÍFICOS**

- Discutir sobre a história da educação dos surdos e os aspectos clínicos, educacionais e sócios antropológicos relacionados à surdez;
- Analisar o papel de língua natural atribuído à língua brasileira de sinais e suas especificidades;
- Conhecer as características básicas da fonologia, morfologia e sintaxe da língua brasileira de sinais.
- Refletir sobre o atendimento educacional especializado para as pessoas com surdez.

### **EMENTA**

Aspectos históricos da inclusão de surdos na sociedade. Surdez e a educação de surdos no Brasil. Noções básicas da estrutura linguística da LIBRAS e de sua gramática. Especificidades da produção textual escrita do surdo. Contato entre ouvintes e surdos.

## **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

### **UNIDADE I – ABORDAGEM CLÍNICO-TERAPÊUTICO E SÓCIO ANTROPOLOGICA DA SURDEZ**

- Texto 1 – Abordagem Clínico-Terapêutica e abordagem sócio antropológica da surdez.
- Texto 2 – Contexto histórico da Educação de pessoas com surdez.

### **UNIDADE II – INTRODUÇÃO E ASPECTOS TEÓRICOS DE LIBRAS**

- Texto 3 – A Língua Brasileira de Sinais – Libras
- Texto 4 – Os Parâmetros da Língua de Sinais

### **UNIDADE III- ASPECTOS PRÁTICOS DE LIBRAS**

- Gramática I
- Praticando a libras I

## **PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

Aulas expositivas e dialogadas, leitura individual e em grupo, discussões e debates, técnicas de trabalho em grupo (seminário), exposição de vídeos e troca de experiências.

## **RECURSO DIDÁTICO**

- Quadro e seus acessórios
- Apostila
- Data show

## **AVALIAÇÃO**

Avaliação se dará de forma processual com participação dos alunos nos diversos momentos da aprendizagem, contemplando atividades escritas, orais e práticas realizadas em sala de aulas, tais como: Domínio de conteúdo, Críticidade, Capacidade de interpretar, Interesse e pontualidade.

**BIBLIOGRAFIA:**

CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL. W..D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue**: língua brasileira de sinais. São Paulo: EDUSF, 2004.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed. 1997.

QUADROS, R. M.: KARNOPPE, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

**Complementar**

MANTOAN, M. T. E. PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A..(org). **Inclusão Escolar**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

SACKS, O. **Vendo vozes**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neolingüísticas. São Paulo: Plexos, 2007.

SKLIAR, C. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOUZA, R.M. de: SILVESTRE, Nuria; ARANTES, Vakéria Amorim (Org.) **Educação de surdos**: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus. 2007.

## 1 INTRODUÇÃO

É necessário compreender o percurso que faremos a partir de agora, sendo isto uma forma de sistematizar o estudo desta disciplina, com o objetivo maior de entender pontos relevantes da história da LIBRAS, em seus diferentes contextos.

Esses são alguns dos nossos objetivos:

- a) Discutir sobre a história da educação dos surdos e os aspectos clínicos, educacionais e sócios antropológicos relacionados à surdez;
- b) Analisar o papel de língua natural atribuído à língua brasileira de sinais e suas especificidades;
- c) Conhecer as características básicas da fonologia, morfologia e sintaxe da língua brasileira de sinais.
- d) Refletir sobre o atendimento educacional especializado para as pessoas com surdez.

## UNIDADE 1 – ABORDAGEM CLÍNICO-TERAPÊUTICO E SÓCIO ANTROPOLÓGICO DA SURDEZ

### 1.1 Abordagem clínico-terapêutica da pessoa com surdez

Uma criança, em cada mil nascimentos, apresenta surdez e, aproximadamente, duas a três, em cada mil crianças, desenvolvem surdez grave na primeira infância. Existem indícios de aumento significativo do número de casos de surdez adquirida, no Brasil, por falta de atenção à saúde, principalmente na prevenção de moléstias infectocontagiosas.

A interferência da surdez no desenvolvimento da criança acontece principalmente no desenvolvimento da linguagem. Quanto mais cedo for o diagnóstico e a procura por procedimentos terapêuticos e educacionais, maiores serão as chances de resultados favoráveis ao desenvolvimento da criança com surdez. Isto ocorre em razão da existência de períodos mais críticos para o desenvolvimento da linguagem, seja ela oral-aural ou visuo-espacial.

A conceituação de surdez varia de acordo com o modelo que se toma por referência. Na proposta do aspecto clínico, ou seja, dentro do construto clínico-terapêutico, a surdez é considerada como incapacidade, é fundamentalmente patológica. As condutas e valores da maioria ouvinte devem ser tomados como “norma” e o surdo se diferencia enquanto, e o quanto, foge a esta “norma”, a esta padronização. Tenta-se a reparação da surdez, para que se torne o mais próximo possível do “normal”.

De acordo com Skliar, (1998):

**SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.**

Tudo isto seria certo se, desde já, o modelo clínico-terapêutico não se obstinasse tanto em lutar contra a deficiência, o que implica, em geral, originar consequências sociais ainda maiores. Reeducação ou Compensação, essa é a questão. Obstinar-se contra o déficit, esse é o erro.

### 1.2 Abordagem sócio-antropológica da surdez

O construto sócio antropológico da surdez contrapõe a abordagem clínico terapêutica estudada anteriormente. A patologia, a falta ou perda da audição não são o essencial. O que marca a surdez é uma diferença. Os surdos são caracterizados como um grupo minoritário que tem em comum a mesma língua e os mesmos valores culturais.

Importante ressaltar questões que exigem esclarecimentos dentro desta abordagem, como por exemplo, o conceito de SER SURDO e QUEM É O SURDO?

Segundo , PADDEN, Carol e Humphries, Tom. Surdo na América: vozes de uma cultura, p.1 (1991)

O surdo pode ter nascido na cultura, como no caso de crianças de pais surdos. Começam a aprender a língua dos pais desde o nascimento e assim adquirem competência nativa nessa língua. Aprendem também as crenças e condutas do grupo social de seus pais. Quando entram na escola servem como modelo cultural e linguístico para um grande número de surdos, filhos de pais ouvintes e que passam a fazer parte da cultura mais tardiamente.

Como podemos perceber, o autor afirma que pessoa surda é aquela advinda de uma história de surdez na família, que, segundo ele, cresce e convive com um determinado grupo social de surdos, sendo este, uma referência para a criança surda De acordo com Lawson (1991): não encontrei, pode tirar essa citação.

A comunidade surda compreende os indivíduos surdos, hipoacústicos e até ouvintes, que têm uma língua comum, experiências e valores comuns e uma forma comum de se comunicarem entre si e com os ouvintes. O grau de perda auditiva atual (surdez audiométrica) não é importante para determinar a identificação do sujeito e a sua aceitação pela comunidade surda. A principal característica identificadora parece ser um conhecimento da língua de sinais.

Segundo PADDEN, Carol e Humphries, Tom. Surdo na América: vozes de uma cultura, p.1 (1991)

Uma comunidade surda é constituída por um grupo de pessoas que vivem em um local particular, partilham os objetivos comuns de seus membros e, de várias maneiras, trabalham para alcançar esses objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas ouvintes que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham com os surdos para alcançá-los.

Podemos observar, pela análise de tais referenciais, que a abordagem sócio antropológica considera como fundamental o uso da língua de sinais desde o nascimento, em convivência com adultos surdos em uma comunidade surda. Deste modo, a criança surda pode desenvolver os conhecimentos por meio da língua de sinais, adquirindo assim, os costumes, os valores, as condutas e a cultura pertencentes a esta comunidade.

Enfim, podemos dizer que a abordagem sócio antropológica é fundamentada na perspectiva da comunidade surda, onde não há incapacidade, apenas uma diferença; que enfatiza o acesso à língua de sinais, desde o nascimento, como meio de comunicação.

### 1.2.1 O que é surdez

Enfocada como a falta do senso auditivo, conceitua-se a surdez como a diferença existente entre o desempenho do indivíduo e a habilidade normal para a detecção sonora.

Existem diversos critérios de classificação do grau da perda auditiva. A proposta de **Lloyd e Kaplan (1978)** ( não são autores é o nome de dois exames auditivos) é uma das mais utilizadas na área da saúde:

- a) Classificação Média da perda auditiva;
  - b) Normal 0 – 25 dB NA;
  - c) Leve 26 – 40 dB NA;
  - d) Moderada 41 – 55 dB NA;
  - e) Moderadamente/Severa 56 – 70 dB NA;
  - f) Severa 71 – 90 dB NA;
  - g) Profunda Maior que 90 dB NA;
- Audição normal: Não apresenta dificuldade alguma de audição.
  - Perda auditiva leve: Há dificuldades para entender a fala emitida com pequena intensidade.
  - Perda auditiva moderada: Pode entender fala emitida a pequena distância.
  - Perda auditiva moderadamente severa: Pode receber auditivamente a fala emitida com forte intensidade; terá dificuldade para comunicação oral-auditiva, em grupo e em classe.
  - Perda auditiva severa: Pode entender a fala emitida com forte intensidade e próxima à orelha; dificuldade para discriminar consoantes, mas distingue as vogais.
  - Perda auditiva profunda: Não utiliza audição como modalidade principal de comunicação.

### 1.2.2 Causas da surdez

Em relação à prevalência da surdez, devemos levar em consideração:

- a) O aumento significativo da surdez, adquirida em função da piora das condições de saúde no país, o que poderia ser evitado com medidas preventivas adequadas.
- b) A incidência da surdez por rubéola, praticamente extinta em alguns países, ainda representa um número expressivo no Brasil.

### 1.2.3 Classificação das causas da surdez

O momento em que ocorre	A origem do problema	O local onde ocorre
a) Pré-natal: durante a vida gestacional;	a) Hereditária	a) Orelha externa e/ou média
b) Per-natal: durante o nascimento	b) Não hereditária	b) Orelha interna
c) Pós-natal: após o nascimento		c) Tronco cerebral e cérebro

### 1.2.4 Como prevenir a surdez?

Não podemos nos esquecer de ações fundamentais, como:

- a) A vacinação contra a rubéola em mulheres antes da gravidez;
- b) Acompanhamento e tratamento adequado de otites na infância (infecções de ouvido);
- c) Cuidado com o excesso de medicamentos tóxicos;
- d) Tratamentos de doenças como a toxoplasmose, sífilis e citomegalovírus;
- e) Vacinação contra a meningite meningocócica.

## 1.3 Contexto histórico da educação de pessoas com surdez

### 1.3.1 Do império aos dias atuais

Agora vamos conhecer a história da educação das pessoas com surdez que teve um longo período de “segregação”, ou seja, a educação para esses alunos era pensada separadamente.

No Brasil, a primeira referência sobre a educação de surdos é datada de 1857. Com a recomendação do ministro da Instrução Pública da França, intermediado pelo Marquês de Abrantes, é criado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, na cidade do Rio de Janeiro.

A perspectiva apontada a fim de conceituar o surdo dessa época, no sentido de projetos voltados para sua educação, era a de um sujeito doente, um deficiente mental, em condições subumanas.

Pensava-se em meios de fornecer conhecimentos, com o objetivo de integração do surdo na sociedade, como cidadão produtivo e colaborativo ao progresso da nação.

É do Instituto Nacional da França o futuro fundador do INES (antigo Imperial Instituto dos Surdos-Mudos). Ernest Huet era surdo e professor de surdos, discípulo da escola de Charles Michel de L'Épée. Chegou ao Rio de Janeiro em 1855. A pedido do Imperador, o reitor do Imperial Colégio Pedro II, Dr. Manoel Pacheco da Silva, ajudou Huet a organizar sua escola.

Segundo alguns relatos, o fato da criação de uma escola apenas para surdos, ainda mais com um dirigente também surdo, fez com que demorasse a aparecer alunos com interesse em frequentar o Instituto. Iniciou-se o trabalho com apenas duas alunas, que recebiam pensão anual do império brasileiro.

A aptidão era observada pela orientação educacional dos que tinham resto auditivo, pois se acreditava que estes tinham mais chances de desenvolver a linguagem oral. Além disto, a classe social do surdo também influenciava, favorecendo os mais abastados. Excluindo os demais surdos, reservava-se, a eles, a comunicação gestual, potencialidades, incluindo a fala.

A outra concordava com o ponto de vista dos americanos, ou seja, tendo uma profissão e aspectos rudimentares da linguagem escrita, isso era suficiente para a educação das pessoas surdas. Essa polêmica perdurou por muito tempo: a cada diretor que se apresentava uma nova discussão se firmava ao redor do assunto.

No ano de 1934, Dr. Armando Lacerda publica *Pedagogia Emendativa do Surdo Mudo*. Ele considera dois objetivos na educação dos surdos:

- a) Habilitação profissional;
- b) Conhecimento da linguagem.

Os docentes do Instituto se preocupam com a reorganização do ensino aplicado e melhor distribuição dos alunos pelas classes, com o objetivo de obter um maior rendimento das atividades em conjunto com as oficinas. Para isso, iniciam uma bateria de testes e pesquisas relacionados a fragmentos de linguagem, resíduos auditivos e medidas de inteligência. Estes testes também tinham o objetivo

de classificar os alunos, indicando o melhor atendimento, de acordo com suas capacidades.

Onze anos depois, pela Portaria nº 943, de 13 de setembro, com a publicação de um novo Regimento, o INES passa a ser um Centro de Referência Nacional na área da surdez. A partir de 1992, muitos acontecimentos acometem o Instituto: são realizados Seminários Nacionais sobre Bilinguismo, há uma reestruturação da parte pedagógica, elaboração de novas propostas para o ensino da Língua Portuguesa.

No Brasil, a educação de pessoas surdas sempre esteve voltada para o olhar da reabilitação, incluindo práticas oralistas e reforçando a concepção clínico-terapêutica da surdez.

Uma nova concepção da surdez aparece através de inúmeros estudos de diversos pesquisadores. Surgem estudos linguísticos e sócios antropológicos que muito contribuíram para a mudança de paradigmas na educação do sujeito surdo: o respeito e o entendimento do universo visual, que experimenta o surdo, ajudando-o a construir sua subjetividade, seus conhecimentos em busca da valorização como pessoas atuantes em todos os segmentos da sociedade.

Algumas dessas contribuições não contemplam a educação de surdos na perspectiva inclusiva.

#### **1.4 Atendimento educacional especializado**

Existem muitos estudos que se posicionam contrários à educação inclusiva. Com o Atendimento Educacional Especializado para pessoas com surdez, surge a perspectiva de o aluno aprender nas turmas comuns de ensino regular, visando sua educação escolar inclusiva.

Este atendimento educacional deve ocorrer, preferencialmente, na escola regular onde o aluno surdo estuda, no contra turno, enfatizando três momentos didáticos pedagógicos:

- a) Atendimento Educacional Especializado para o ensino **DE** Libras: os alunos com surdez terão aulas de LIBRAS, que favorecerá o conhecimento e a aquisição da língua de sinais. Deve ser ministrado por um professor preferencialmente surdo.

- b) Atendimento Educacional Especializado para o ensino **EM** Libras: os conteúdos curriculares são explicados nessa língua, por um professor e/ou instrutor de Libras (preferencialmente surdo).
- c) Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa: são trabalhados aspectos dessa língua. Este trabalho é realizado por um professor de Língua Portuguesa.

Pode-se afirmar que todos esses anos de imposição à oralidade fez surgir um movimento fortíssimo, por parte de alguns surdos, que reivindicam uma escola só para eles, com disciplinas específicas sobre a história dos surdos no mundo, sua educação, cultura etc. Esses movimentos persistem até hoje, principalmente pelas associações e federações de surdos.

#### 1.4.1 As filosofias da educação das pessoas com surdez

Pelo que temos estudado sobre a educação de pessoas com surdez, podemos perceber questões a respeito dos métodos utilizados, pois eles sempre foram motivos de grande discussão. Não apenas pela preocupação educacional, mas, também, pelas concepções geradas em cada época específica, dentro de um contexto sociocultural e também político.

As abordagens clínico-patológica e sócio antropológica são provas desses conflitos vivenciados pelos surdos. Cada uma delas aposta em um método, sendo a primeira mais focada na oralização e reabilitação do sujeito. E a segunda voltada para o bilinguismo, utilização da língua de sinais e da língua oral.

Os aspectos da construção da linguagem são as questões que mais preocupam os profissionais que trabalham com pessoas surdas.

#### 1.4.2 Oralismo

A proposta de acabar com o gestualismo gerou muitas contestações com a imposição da língua oral. Ela também fez com que ficasse declarado que apenas ouvintes poderiam educar os surdos, o que acarretou a demissão de muitos professores surdos.

Argumenta-se que essa decisão era muito mais de cunho filosófico, político e religioso do que educacional.

Na Itália, nesse período, iniciava-se um projeto de alfabetização, que buscava a eliminação de desvios linguísticos a língua de sinais. Legitimava-se o

pensamento aristotélico, mundo das ideias, representado pela palavra, em oposição ao mundo concreto – os gestos.

E os religiosos apostavam no oralismo com possibilidade do ato confessional dos alunos surdos (FACCHINI, 1981, apud SKLIAR, 1997).

Para Sacks (1990, p.45), “O oralismo e a supressão do Sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em geral. Muitos dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais[...]”.

Essa é uma realidade ainda hoje: as escolas não sabem como lidar com essas crianças. Os professores encaram os surdos como sujeitos deficientes ou incapazes e preferem deixá-los de lado, apostando que seu fracasso escolar é fruto da “perda auditiva”, somente.

Segundo estudos, no Brasil é constatado que surdo oralizado não fala bem e não fazem leitura labial fluente, há sempre uma discrepância entre o objetivo do oralismo e as reais conquistas linguísticas da maioria dos surdos. É pequeno o número de surdos que se beneficiam com o método oral.

O modelo oralista não obteve sucesso do ponto de vista pedagógico, muito pelo contrário, ele fez com que muitas comunidades surdas ficassem marginalizadas socialmente, gerando problemáticas psicossociais, que o próprio método não se preocupou em resolvê-las.

O oralismo passou a ser extremamente criticado por fracassar na tentativa de proporcionar ao educando surdo condições efetivas de educação e desenvolvimento pessoal. Embora sua proposta fosse oferecer o desenvolvimento da língua oral como forma de integração, este trabalho acabou acentuando a desigualdade entre surdos e ouvintes. (GÓES, 2002)

Em 1911, através do Decreto de nº 9198, foi adotado no Brasil o método oral que deveria ser utilizado no ensino de todas as disciplinas. Embora muitos estudiosos apontem que era impossível manter a comunicação com o surdo. Desta maneira, professores trabalhavam com os “Sinais Metódicos” para a comunicação dentro das salas de aula, portas fechadas.

Depois de três anos de trabalho com o Método Oral Puro, o resultado não foi o esperado: 60% dos alunos não chegaram a um nível satisfatório. Julgavam que os surdos eram aptos para aprender a Linguagem Articulada, apenas até os sete

anos de idade, depois essa capacidade era diminuída gradualmente. Mas o Método Oral ainda permaneceu por muitos anos.

#### 1.4.2 A Comunicação total

Foi desenvolvida nos Estados Unidos, por volta de 1960, frente ao descontentamento de muitos especialistas pelo método oralista. Este fato levou os pesquisadores americanos a estudarem e demonstrarem que as crianças surdas não obtinham êxito no desenvolvimento da fala, linguagem e leitura labial.

Frente aos resultados obtidos nessas pesquisas, foram demonstrados que as crianças expostas à língua de sinais apresentavam melhor desempenho do que aquelas que eram submetidas ao oralismo.

Pode-se considerar que a Comunicação Total surgiu com a intenção do uso de uma comunicação oral juntamente com a comunicação gestual. É também conhecido como bimodalismo – uso de apenas uma língua produzida em duas modalidades.

A proposta foi se transformando, passando a ser encarada como uma filosofia educacional, sendo oficializada em muitos países. Sua aceitação foi boa, sendo utilizada em muitas versões.

Caracterizava-se pela busca do ensino da língua majoritária para o acesso em outras áreas curriculares.

Esta concepção defende o uso de gestos utilizados pela criança, juntamente com a fala, leitura labial, sinais convencionais, leitura e escrita. E, no caso da presença de resíduo auditivo, o uso de próteses. Possibilita o acesso a um maior número de recursos, com o intuito de estimular e desenvolver seus processos linguísticos.

O termo “gesto” nada tem a ver com o termo “sinais”, e este também não é o mesmo que língua de sinais. Gestos são mímicas aleatórias e língua de sinais não se trata de uma forma “manual” da nossa língua, o Português, também conhecido como Português Sinalizado.

Essa filosofia ajuda a desfocar a visão clínica do surdo. Ele passa a ser visto como sujeito diferente pela marca da surdez, o que acarreta discussões de ordem social, configurando-se como um fenômeno social. No âmbito educacional, o trabalho deve ser realizado buscando o atendimento às necessidades desse indivíduo. (CICCONE, 1990)

As críticas ao uso dessa filosofia educacional se intensificaram à medida em que discussões sobre seu uso foram feitas, no sentido de que se valia de muitos recursos, sem a utilização de línguas e também porque, no fim, se primava pelo ensino da língua majoritária.

Seus defensores mais ferrenhos apostavam que o problema estava na sua aplicação e não na idealização da proposta. Perdeu-se o propósito do ensino e o reconhecimento da língua desiniais, ficando essa, mais uma vez, excluída do contexto educacional da comunidade surda.

A presença feminina na história da educação dos surdos no Brasil é bastante significativa. A professora Ivete Vasconcelos foi pioneira na Estimulação Precoce para bebês com surdez. Ela traz consigo a corrente filosófica da Comunicação Total, que prima pelo uso da oralização e do gestualismo.

#### 1.4.2 Bilinguismo

O Bilingüismo aparece dentro do contexto histórico educacional dos surdos através dos movimentos pelo reconhecimento da Cultura, Comunidade e Identidade Surda.

Apresenta-se como meio de reflexão a respeito da educação dos surdos. A concepção preconiza o acesso de duas línguas, sendo uma a natural dos surdos – língua de sinais – e a outra a língua oral, utilizada por ouvintes. Propõe resgatar o direito da pessoa surda ao acesso à sua língua.

Esta proposta pode ser considerada uma contrapartida aos discursos realizados nas últimas décadas a respeito da educação dos surdos. Muda-se o olhar da abordagem clínico-patológica para a sócio-antropológica, respeitando o direito da Comunidade surda na busca de sua identidade. Ela não é apenas um dispositivo pedagógico e sim a quebra do poderio e da imposição das políticas ouvintistas.

No bilinguismo, acontece a exposição da criança surda a duas línguas distintas.

- a) A língua de sinais → L1 - Língua natural dos surdos;
- b) A língua majoritária do país → L2 - Língua Portuguesa, no caso do Brasil.

A Lei de Libras define vários aspectos, entre eles a inclusão de pessoas surdas e de baixa audição aos sistemas de ensino organizado por meio de escolas e classes bilíngues, tendo a L1 e L2 como línguas de instrução. Além disso, acrescenta o direito ao atendimento educacional especializado em contra-turno ao

da escolarização comum, com o objetivo do desenvolvimento curricular complementar.

### 1.5 Lei de libras: Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002

#### Segundo Brasil (ano, p. )

Dispõe sobre a língua brasileira de sinais - libras e dá outras providências. Eu o presidente da república faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei.

Art. 1 - É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo Único. entende-se como LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico denatureza visual-motora. Com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2 - Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art 3 - As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4 - O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de educação especial, de fonoaudiologia e de magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da língua brasileira de sinais - libras, como parte integrante dos parâmetros curriculares nacionais - PCNS. Conforme legislação vigente.

Parágrafo Único. A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS não poderá substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Art. 5 - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 1810 da Independência e 1140 da República.

Fernando Henrique Cardoso Paulo Renato Souza

Texto Publicado no D.O.U. de 25.4.2002

#### ATIVIDADE-1

1ª) De acordo com o estudo feito, podemos destacar quais as causas da surdez?

2ª) Com base em dados do IBGE, quantos surdos hoje têm no Brasil?

3ª) Você já ouviu falar no termo "SURDO-MUDO" ou "MUDINHO"?

4ª) Formulou-se alguns questionamentos. E peço que reflitam e respondam.

a) Toda pessoa surda é muda?

b) A pessoa muda ouve?

c) Você conhece alguma pessoa surda que fala?

5ª) Os surdos eram punidos fisicamente pelo uso de sua língua natural; em alguns relatos, citam que, na Europa, esses eram trancados em

## **UNIDADE II**

### **2 ASPECTOS TEÓRICOS DA LIBRAS**

#### **2.1 A Língua Brasileira de Sinais – Libras**

Muitas pessoas acreditam que as línguas de sinais são somente um conjunto de gestos que interpretam as línguas orais.

Pesquisas sobre as línguas de sinais vêm mostrando que estas línguas são comparáveis em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Estas línguas expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esporte, trabalho, moda e utilizá-la como função estética para fazer poesias, contar estórias, criar peças de teatro e humor.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seu vocabulário com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta às mudanças culturais e tecnológicas, assim a cada necessidade surge um novo sinal desde que se torne aceito, sendo utilizado pela comunidade.

Acredita-se também que somente existe uma língua de sinais no mundo, mas assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridas em “Culturas Surdas”, possuem suas próprias línguas. Existindo, portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena, Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chilena, Uruguaia, Russa, Kaapor, citando apenas algumas. Estas línguas são diferentes umas das outras e independem das línguas orais auditivas utilizadas nesses e em outros países, por exemplo: o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o português, mas as línguas de sinais destes países são diferentes, o mesmo acontece com a Inglaterra e os Estados Unidos, entre outros. Também pode

acontecer que uma mesma língua de sinais seja utilizada por dois países, como é o caso da língua de sinais americana que é usada pelos surdos dos Estados Unidos e Canadá.

Embora cada língua de sinais tenha sua própria estrutura gramatical, surdos de países com línguas de sinais diferentes comunicam-se com mais facilidade uns com os outros, fato que não ocorre entre os falantes de línguas orais, que necessitam de um tempo bem maior para um entendimento. Isso se deve à capacidade que as pessoas surdas têm em desenvolver e aproveitar gestos e pantomimas para a comunicação e estarem atentos às expressões faciais e corporais das pessoas e devido ao fato dessas línguas terem muitos sinais que se assemelham às coisas representadas.

No Brasil, as comunidades surdas urbanas utilizam a Libras, mas além dela, há registros de outra língua de sinais que é utilizada pelos índios Kaapor na Floresta Amazônica. Muitas pessoas acreditam que a Libras é o português feito com as mãos, no qual os sinais substituem as palavras desta língua, e que ela é uma língua como a linguagem das abelhas ou do corpo, como a mímica. Entre as pessoas que acreditam que a Libras é realmente uma língua, há algumas que pensam que ela é limitada e expressa apenas informações concretas, e que não é capaz de transmitir ideias abstratas.

Esses mitos precisam ser desfeitos porque a Libras, como toda língua de sinais, é uma língua de modalidade gestual-visual que utiliza como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão; portanto, diferencia da Língua Portuguesa, uma língua de modalidade oral-auditiva, que utiliza como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. Mas as diferenças não estão somente na utilização de canais diferentes, estão também nas estruturas gramaticais de cada língua.

Embora com as diferenças peculiares a cada língua, todas possuem algumas semelhanças que identificam como língua e não como linguagem como, por exemplo, a linguagem das abelhas, dos golfinhos, dos macacos, enfim, a comunicação dos animais.

Uma semelhança entre as línguas é que todas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, todas possuem os seguintes níveis linguísticos: o fonológico, o morfológico, o sintático e o semântico.

**No nível fonológico** estão os fonemas. Os fonemas só têm valor contrastivo, não têm significado mas, a partir das regras de cada língua, eles se combinam para os morfemas e estes as palavras.

Na língua portuguesa, por exemplo, os fonemas /m/ /n/ /s/ /a/ /e/ /i/ podem se combinar e formar a palavra meninas.

**No nível morfológico**, esta palavra é formada pelos morfemas {menin-} {-a} {-s}. Diferentemente dos fonemas, cada um destes morfemas tem um significado: {menin-} é o radical desta palavra e significa “criança”, “não adulto”, o morfema {-a} “gênero feminino” e o morfema {-s} significa “plural”.

**No nível sintático**, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido e coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semânticos (significado) e pragmáticos (sentido no contexto onde está sendo usada) respectivamente. Assim o nível semântico permeia o morfo-sintático.

Outra semelhança entre as línguas é que os usuários de qualquer língua podem expressar seus pensamentos diferentemente, por isso uma pessoa que fala uma determinada língua utiliza essa língua de acordo com o contexto e o modo de se falar com um amigo não é igual ao de se falar com uma pessoa estranha, assim, quando se aprende uma língua está aprendendo também a utilizá-la a partir do contexto.

Outra semelhança também é que todas possuem diferenças quanto ao seu uso em relação à região, ao grupo social, à faixa etária e ao gênero. O ensino oficial de uma língua sempre trabalha com a norma culta, a norma padrão, que é utilizada na forma escrita e falada e sempre toma alguma região e um grupo social como padrão.

Ao se atribuir às línguas de sinais o status de língua é porque elas, embora sendo de modalidade diferente possuam também estas características em relação às diferenças regionais, socioculturais, entre outras, em relação às suas estruturas porque elas também são compostas pelos níveis descritos acima.

O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais auditivas é denominado sinal nas línguas de sinais.

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente o corpo. Estas articulações das mãos, que

podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros.

## 2.2 Os parâmetros

A língua de sinais apresenta características estruturais iguais aos da língua oral, ou seja, possuem níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico.

### 2.1 Configuração das mãos

São formas das mãos, que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros), ou pelas duas mãos do emissor ou sinalizador.

Os sinais **APRENDER**, **LARANJA** e **ADORAR** tem a mesma configuração de mão e são realizados na testa, na boca e no lado esquerdo do peito, respectivamente.

CONFIGURAÇÃO DAS MÃOS



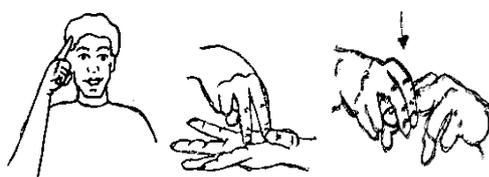
### 2.2 Ponto de articulação

O lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um (PA) espaço neutro vertical (do meio do corpo até à cabeça) exemplos.



### 2.3 Movimento (M)

Os sinais podem ter um movimento ou não. Os exemplos são sinais que têm movimento, portanto este parâmetro é o deslocamento da mão no espaço durante a realização o sinal.



### 2.4 Orientação e direcionalidade

Os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros, assim os verbos IR e VIR se opõem em relação á direcionalidade como os verbos SUBIR e DESCER, ACENDER e APAGAR, ABRIR-PORTA e FECHAR-PORTA.



IR VIR ACENDER

### 2.5 Expressão facial e/ou corporal

Muitos sinais têm sua configuração como traço diferenciador expressão facial e/ou corporal, exemplos: ALEGRE, TRISTE. Há sinais feitos só com a bochecha como: LADRÃO, sinais feitos com a mão e expressão facial, como o sinal de BALA e há ainda sinais em que sons e expressões faciais complementam os traços manuais, como os sinais de HELICÓPTERO e MOTO.



Feliz



Triste



Ato Sexual



Bala



Helicóptero



Moto

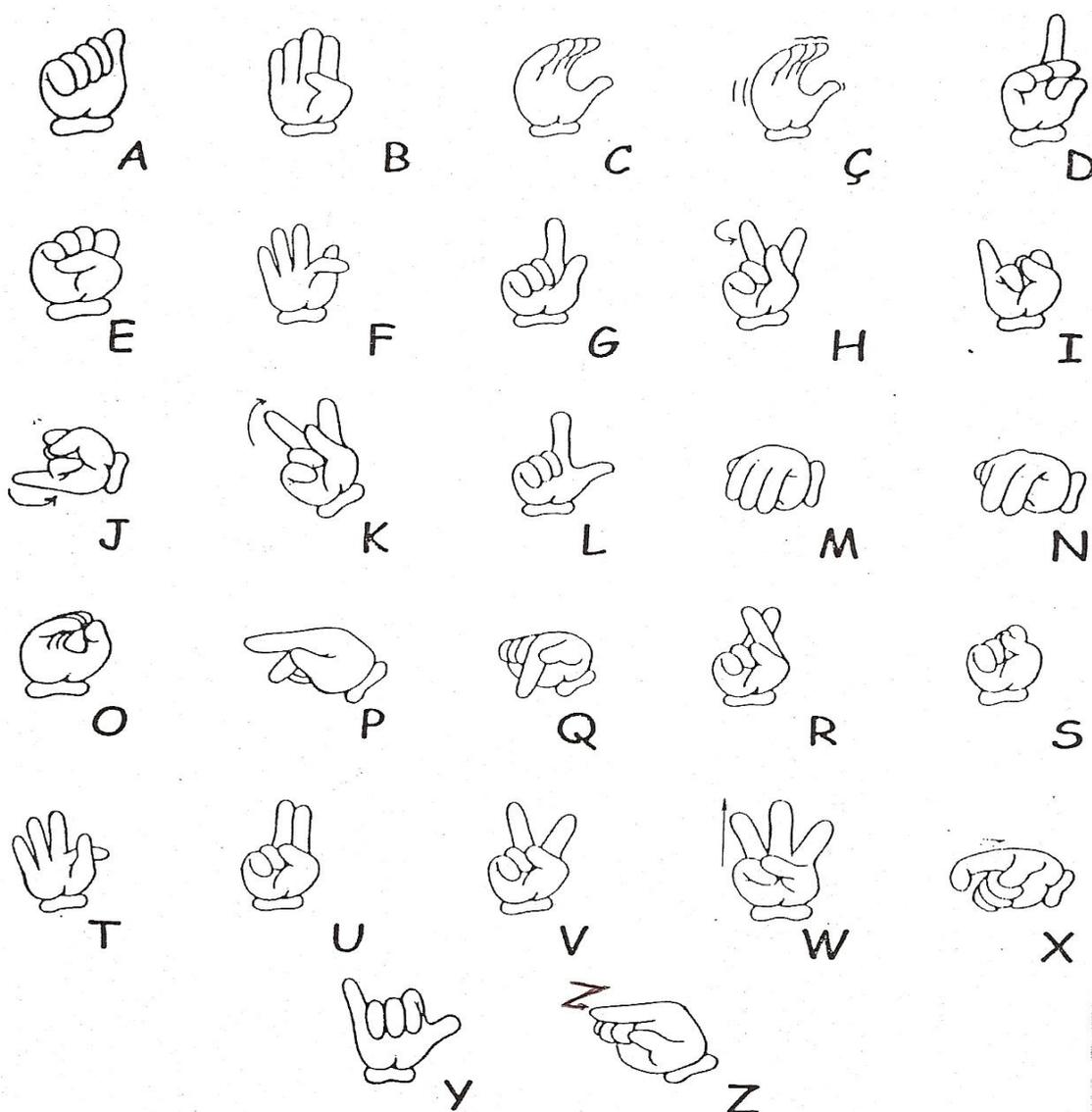
Na combinação destes parâmetros tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos para formarem as palavras e estes formarem as frases em um contexto.

### **ATIVIDADE 3**

1ª) Com base no que estudamos até agora, sugiro que você assista ao filme “Mr. Holland Adorável Professor.” Após esta atividade, faça uma análise crítica e coloque seu ponto de vista a respeito do filme, fazendo referência do mesmo.

## UNIDADE – III - GRAMÁTICA/ASPECTOS PRÁTICOS DE LIBRAS

### 3.1 O alfabeto manual



Fonte: Vez da voz

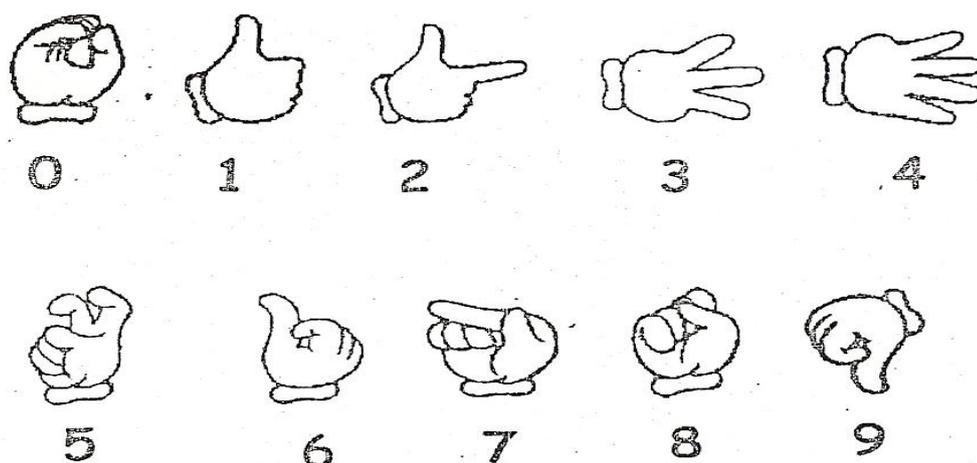
### 3.2 Numeral na LIBRAS

As línguas podem ter formas diferentes para apresentar os numerais quando utilizados como cardinais, ordinais, quantidade, medida, idade, dias da semana ou mês, horas e valores monetários. Isso também acontece na LIBRAS.

Nesta língua é erro a utilização de uma única configuração das mãos para determinados numerais que têm configurações específicas que dependem do contexto, por exemplo: o numeral cardinal 1 é diferente da quantidade 1, como em LIVRO 1, que é diferente de PRIMEIRO-LUGAR, que é diferente de PRIMEIRO-ANDAR, que é diferente de PRIMEIRO-GRAU, que é diferente de MÊS-1.

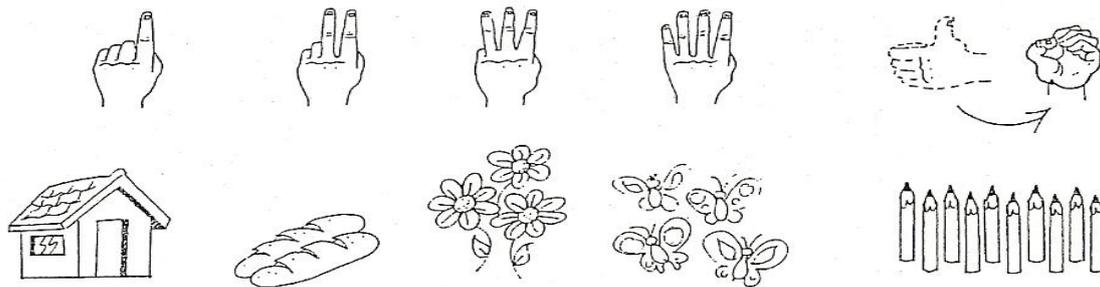
Os numerais cardinais, as quantidades, e idade a partir do número 11 são idênticos. Os números 22, 33, 44 e 77 sempre são articulados com a mão apontando para frente do emissor.

### 3.2.1 Numerais cardinais

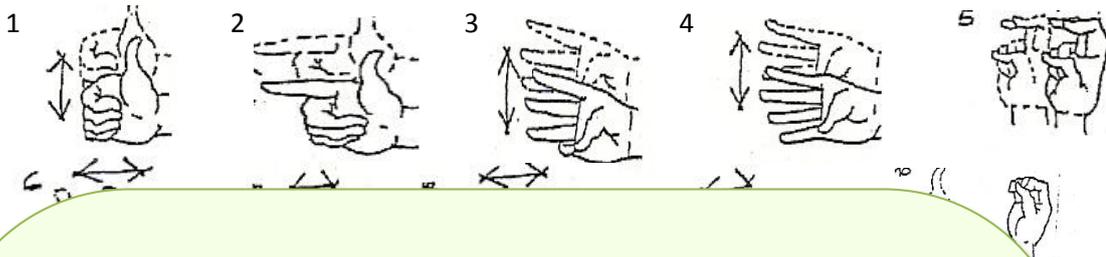


Os numerais ordinais do PRIMEIRO até o NONO têm a mesma forma dos cardinais, mas aqueles possuem movimentos enquanto estes não possuem. Os ordinais do PRIMEIRO até o QUARTO têm movimentos para cima e para baixo e os ordinais do QUINTO até o NONO têm movimentos para os lados. A partir do numeral DEZ, não há mais diferença entre os cardinais e ordinais.

### 3.2.2 Numerais para quantidades



### 3.2.3 Ordinais



#### ATIVIDADE

TRANSCREVA PARA O PORTUGUÊS:

- a) **MARIA, JOAO, JOSE.**
- b) **MINHA CANETA.**

2º) Numere os pares de nomes de acordo com a sequência apresentada:

- |                             |                             |
|-----------------------------|-----------------------------|
| ( ) M-A-R-I-A / M-A-R-Y     | ( ) M-Á-R-C-I-A / M-A-R-I-A |
| ( ) M-Á-R-I-O / M-Á-R-C-I-A | ( ) M-A-R-Y / M-Á-R-I-O     |
| ( ) M-A-R-C-O-S / M-A-R-Y   | ( ) M-Á-R-I-O / M-A-R-C-O-S |
| ( ) P-R-A-T-A / P-O-R-TA    | ( ) Q-U-E-D-A / Q-U-E-R-O   |
| ( ) J-Ú-L-I-A / J-U-L-H-O   | ( ) P-E-R-T-O / P-R-A-T-O   |

3º) Os alunos deverão marcar F ou V retificando as questões erradas.

a) ( ) Uma cadeira  ( ) Uma cadeira 

b) ( ) Número 10  ( ) Número 10 

c) ( ) Duas meninas  ( ) Duas meninas 

### 3.3 Saudações

Em todas as línguas há o ritual da saudação. Dependendo do contexto, esse cumprimento será mais formal ou informal e geralmente é complementado por gestos. A Libras tem também sinais específicos para cada uma dessas situações. Assim podem ser utilizados os seguintes sinais: BO@ D-I-A BO@ NOITE, OI, TCHAU, acompanhados ou não de gestos para cumprimento:



OI

tudo bom

bo@ conhece

Nome?

bo@ madrugada



bo@ saúde

bo@ dia

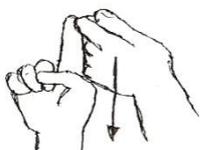
bo@ tarde

bo@ noite

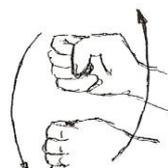
Abraço

tchau

### 3.4 Meses do ano



MÊS



ANO

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
ABRIL	MAIO	JUNHO
JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO

### 3.7 Pronomes pessoais

A LIBRAS possui um sistema pronominal para representar as pessoas do discurso:

No singular, o sinal para todas as pessoas é o mesmo, ou seja, a configuração da mão predominante é em “d” (dedo indicador estendido, veja alfabeto manual), o que difere uma das outras é a orientação da mão: o sinal para “eu” é um apontar para o peito do emissor (a pessoa que está falando), o sinal para “você” é um apontar para o receptor (a pessoa com quem se fala) e o sinal para “ele/ela” é um apontar para uma pessoa que não está na conversa ou para um lugar convencionalizado para uma terceira pessoa que está sendo mencionada.

No dual, a mão ficará com o formato de dois, no trial o formato será de três, no quatrial o formato será de quatro e no plural há dois sinais: um sinal composto formado pelo sinal para a respectiva pessoa do discurso, no singular, mais o sinal GRUPO; e outro sinal para plural que é feito pela mão predominante com a configuração em “d” fazendo um círculo.

Como na língua portuguesa, na LIBRAS, quando uma pessoa surda está conversando, ela pode omitir a primeira pessoa e a segunda porque, pelo contexto, as pessoas que estão interagindo.

Sabe a qual das duas o verbos está relacionado, por isso, quando estas pessoas estão sendo utilizadas pode ser para dar ênfase à frase.

Quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente.

Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

Diferentemente do Português, os pronomes pessoais na terceira pessoa não possuem marca para gênero (masculino e feminino).

- a) Primeira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS-GRUPO, NÓS-TOD@;
- b) Segunda pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-GRUPO, VOCÊ-TOD@;
- c) Terceira pessoa (singular, dual, trial, quatrial e plural): EL@, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-GRUPO, EL@-TOD@
- d) Primeira pessoa do singular.



EU 1<sub>s</sub> ENSINAR 2<sub>s</sub> LIBRAS.

e) Primeira Pessoa do Plural

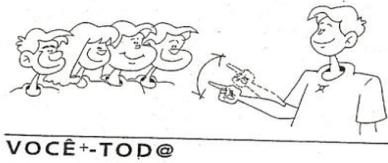
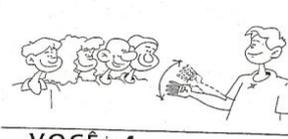
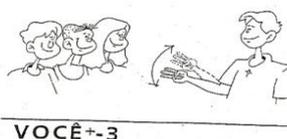
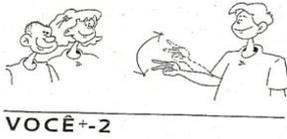


- f) Segunda Pessoa do Singular / Plural: VOCÊ, VOCÊ-2, VOCÊ-3, VOCÊ-4, VOCÊ-TOD@. **(Singular, dual, trial, quatrial, e plural)**

- Singular



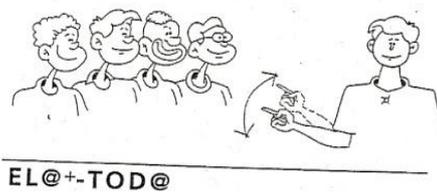
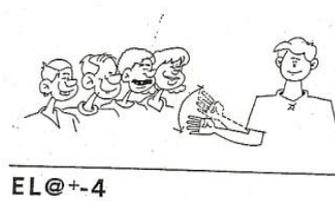
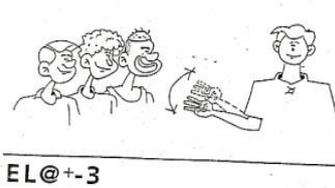
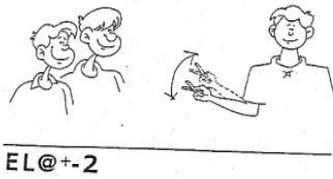
VOCÊ SABER ESCREVER INGLÊS?



- Plural

Terceira Pessoa do Singular / plural: ELA, EL@-2, EL@-3, EL@-4, EL@-TODA.

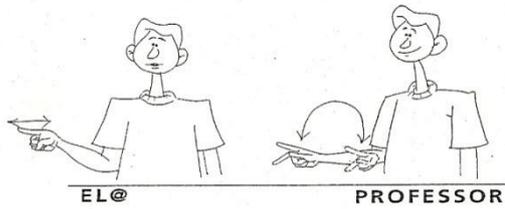
(Singular, dual, trial, quatrial, e plural)



### 3.8 Tipos de frases

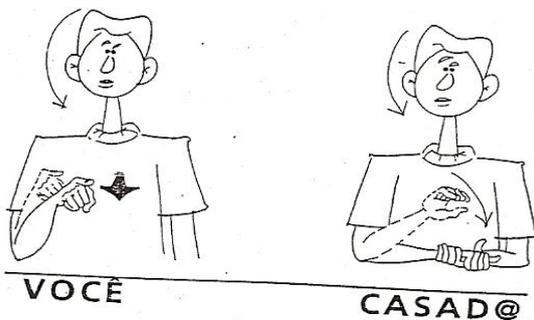
a) Forma afirmativa: a expressão facial é neutra.

- ME@ NOME A-N-A



b) Forma interrogativa e exclamativa

- VOCÊ CASAD@? NOME QUAL?

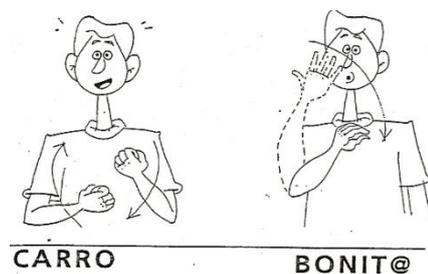


c) Frase exclamativa

- Sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento de cabeça para cima e para baixo.

- CARRO BONIT@!

- EU VIAJAR SÃO BENTO, BOM!  
BONIT@ LÁ!

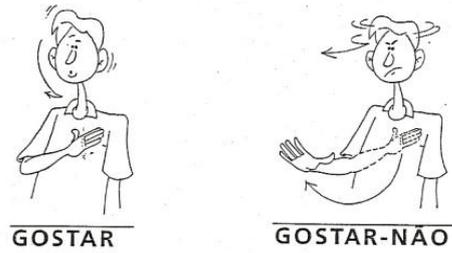


d) Frase negativa

- negação pode ser feita através de três processos: com o acréscimo do sinal NÃO ao verbo



- Com a incorporação de um movimento contrário ao do sinal negado:



- Com um aceno de cabeça que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada ou juntamente com os processos acima:



e) Forma negativa / interrogativa

- Sobrancelhas franzidas e aceno com a cabeça negando.



• CASAD@ EU NÃO?

f) Forma exclamativa / interrogativa



1ª) Professor indicará no calendário dois dias da semana para cada aluno criar duas frases em LIBRAS e apresentar.

2ª) Em dupla apresente um texto em LIBRAS usando contexto cumprimento.

- 1) 4ª) a- O-I, VOCÊ ..... ?
- 2) b- O-I, (expressão facial “surpreso”) SIM, EU .....
- 3) a- VOCÊ LEMBRAR NÃO EU?
- 4) b- LEMBRAR NÃO.
- 5) a- EU, NOME-DE-SINAL. NOME VOCÊ **2**SENSINAR**1**S LIBRAS. AQUI. LEMBRAR?
- 6) b- AH! (expressão facial “lembrar”)
- 7) a- BO@ ENCONTRAR. TUDO-BEM?
- 8) b- TUDO-BEM. DESCULPAR. (olhando para o relógio) EU IR AULA. TCHAU!
- 9) a- TCHAU.

3ª) Atividade em duplas organize 4 ( quatro ) frases e apresente na sala.

a. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

b. \_\_\_\_\_

## REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Valkiria Duarte. **Dicionário enciclopédico trilíngue**. São Paulo: Edusp 2001.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, W.D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue**. Língua de Sinais São Paulo: EDUSP, 2004.

QUADROS, R.M. KARNOPPE, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Apostila “Falando com as Mãos” – Língua Brasileira de Sinais, Curitiba, 1998.

Aspectos Linguísticos da Libras – Secretaria de Estado da Educação, Curitiba, 1998.

Felipe, Tânia A. – Libras em Contexto: Curso Básico, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

BRASIL, Lei, nº 10.436, de abril de 2002. Aprovada o Plano Nacional de Educação e da outra providência. Diário Oficial da União. Brasileira.

BRITO, Lucinda Ferreira. Integração social e educação de surdos. Rio Janeiro: Editora Babel, 1993.

DAMÁZIO. Mirlene F. M. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez.** Curitiba: Cromos, 2007.

## SITES UTILIZADOS

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)

<http://www.libraslegal.com.br/surdocidadao>

<http://www.ines.org.br>

[www.surdosol.com.br](http://www.surdosol.com.br)

**SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.**

## FILMES RECOMENDADOS

· Mr. Holland Adorável Professor.

· Black.

· A musica e o silêncio.

· Filhos do Silêncio.

## Avaliação –I

### 1ª QUESTÃO

Sabendo que durante muito tempo os surdos não obtiverão sucesso em sua escolaridade, mas depois de vários estudos se chegou a uma conclusão de que estes deveriam ser ensinados em sua língua materna. De acordo com essa introdução estamos falando das Filosofias da educação das pessoas com surdez, Explique de maneira sucinta cada uma delas.

- a) A filosofia do oralismo
- b) A filosofia da comunicação total
- c) A filosofia do Bilinguismo

(valor: 2,0 pontos)

### 2ª QUESTÃO

A conceituação de surdez varia de acordo com o modelo que se toma por referência. Na proposta do aspecto clínico, ou seja, dentro do construto clínico-terapêutico, a surdez é

- a)  é considerada como incapacidade, é fundamentalmente patológica.
- b)  as condutas e valores da maioria ouvinte não devem ser tomados como “norma”
- c)  e o surdo se diferencia enquanto normal, e o quanto, foge a esta “norma”, a esta padronização.

(valor: 2,0 pontos)

### 3ª QUESTÃO

Marque a alternativa correta

A história da educação das pessoas com surdez que teve um longo período de “segregação.”, ou seja, a educação para esses alunos era pensada separadamente. No Brasil, a primeira referência sobre a educação de surdos é datada de 1857, com a recomendação do ministro da Instrução Pública da França, intermediado pelo Marquês de Abrantes, foi criado o?

- a)  Sociedade Pestalozzi
- b)  Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, na cidade do Rio de Janeiro.
- c)  Associação de pais e amigos - APE

(valor: 2,0 pontos)

### 4ª QUESTÃO

De acordo com o estudo feito sobre o Atendimento Educacional Especializado este serve para favorecer o conhecimento e a aquisição da língua de sinais. Deve ser ministrado por um professor preferencialmente surdo.

Analise como deverá acontecer o aprendizado destes alunos com surdez?

- a) Atendimento Educacional Especializado para o ensino **DE** Libras:
- b) Atendimento Educacional Especializado para o ensino **EM** Libras:

**(valor: 2,0 pontos)**

### **5ª QUESTÃO**

Podemos dizer que a abordagem sócio antropológica é fundamentada na perspectiva da comunidade surda? Com apenas 8 linhas nos explique o por que.

**(valor: 2,0 pontos)**

### **Avaliação –II**

#### **1ªQUESTÃO**

O processo de inclusão da LIBRAS como componente curricular deverá se iniciar nos cursos de educação especial, fonoaudiologia e pedagogia, ampliando progressivamente para as demais licenciaturas, deverão incluir LIBRAS, como componente curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos: **MARQUE A RESPOSTA CORRETA.**

a)( **X** )

- I - até três anos, em vinte por cento dos seus cursos;
- II - até cinco anos, em sessenta por cento dos seus cursos;
- III - até sete anos, em oitenta por cento dos seus cursos;
- IV - dez anos, em cem por cento dos seus cursos.

b)( )

- I - até quatro anos, em vinte por cento dos seus cursos;
- II - até doze anos, em sessenta por cento dos seus cursos;
- III - até sete anos, em oitenta por cento dos seus cursos;
- IV - dez anos, em cem por cento dos seus cursos.

**(valor: 2,0 pontos)**

#### **2ª QUESTÃO**

Sabemos que assim como acontece o regionalismo em qualquer língua, explique como esse processo acontece na LIBRAS?

**(valor: 2,0 pontos)**

#### **3ª QUESTÃO**

Marque a alternativa onde apresenta os cinco parâmetros da Libras.

- a)- ( ) configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação/direção e verbos.
- b)- ( ) configuração de mão, movimento, orientação/direção e expressão facial e corporal.
- d)- ( X ) configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação/direção e expressão facial e corporal.

(valor: 2,0 pontos)

#### 4ª QUESTÃO

##### Leia o texto abaixo: AS COMUNIDADES SURDAS

Há pessoas surdas em todos os estados brasileiros e muitas destas pessoas vêm se organizando e formando associações pelo país que são as comunidades surdas brasileiras. Estas comunidades se diferenciam regionalmente em relação a hábitos alimentar, vestuário e situação socioeconômica, entre outros; Variações linguísticas regionais.

Você pode descrever como acontece essa diferenciação regional no item das Variações linguísticas e exemplificando?

(valor: 2,0 pontos)

#### 5ª QUESTÃO

O aluno deverá responder SIM ou NÃO:

- a) As pessoas que ouvem podem fazer parte das Comunidades SURDAS? sim
- b) Toda pessoa surda faz parteda Comunidade Surda? não
- c) A maioria dos Surdos são filhos de pais Surdos? não
- d) As pessoas ouvintes podem estar na Comunidade Surda sem dela fazer parte? sim

(valor: 2,0 pontos)

### AVALIAÇÃO – III

#### 1ª QUESTÃO

Escreva em língua portuguesa nos espaços adequados o que o ( a ) professor(a) sinalizar.

NOME DOS OBJETOS	QUANTIDADE

(valor: 2,0 pontos)

## 2ª QUESTÃO

O professor escolherá duas frases e o aluno fará a Interpretação em Libras.

- a) LEÃ@ COR CORPO AMAREL@ PERIGOS@.
- b) RAT@ PEQUEN@, COR PRET@, ESPERT@.
- c) BO@! EU FALAR ME@ FAMILIA.
- d) HOMEM VELH@ GORD@ ALI ME@ P-A-I.
- e) PASSADO EU GORD@ MUITO-COMER, AGORA EU MAGR@ EVITAR COMER.
- f) MULHER ARRUMAD@ ALI ME@ ESPOS@.
- g) MULHER SAIA AMAREL@,ME@ SOBRINH@.
- h) BO@ CONHECE.

(valor: 2,0 pontos)

## 3ª QUESTÃO

Os alunos deverão pensar uma frase em LIBRAS apresentando-a nas formas: **AFIRMATIVAS**, **NEGATIVA**, **EXCLAMATIVA** e **INTERROGATIVA** para o professor:

- a) \_\_\_\_\_ ( AFIRMATIVA)
- b) \_\_\_\_\_ ( NEGATIVA)
- c) \_\_\_\_\_ ( EXCLAMATIVA)
- d) \_\_\_\_\_ (INTERROGATIVA)

(valor: 2,0 pontos)

## 4ª QUESTÃO

Faça a tradução de Libras para o Português destes .

